

CDU 398.9:869.0(81) Machado de Assis

## PAREMIOLOGIA E LINGUAGEM NA FICÇÃO MACHADIANA

Reginaldo Guimarães  
Médico e Museólogo  
Rio de Janeiro

JN-00010062-8

Estudando o fato folclórico como manifestação sociológica, Alfredo Povíña enumera a linguagem entre os elementos de primordial importância na identificação de uma cultura. Nada mais verdadeiro. Trata-se de fenômeno normal, tanto para o sociólogo quanto para o antropólogo. "Es un nuevo modo de saber vulgar, que forma parte integrante de toda investigación folklórica, que es su origen y antecedente primeiro" — insiste o sociólogo e antropólogo argentino.<sup>6</sup>

Claro que a linguagem a que nos referimos neste ensaio não se restringe ao falar erudito, gráfico e formal. Mas à criação de minorias culturais, geralmente ágrafas, que resistem ao lado de expressões eruditas. Trabalho erosante e ao mesmo tempo renovador do elemento coletivo, que o tempo se encarrega de ajustar à linguagem oficial. Este processo, como todo trabalho coletivo, popular, não nasce de um dia para outro. É um parto doloroso, uma luta constante contra a resistência conservadora da sociedade. Ora, nenhum escritor, artista plástico ou compositor que deseje documentar a sociedade e o tempo em que vive, pode desprezar o veio riquíssimo da contribuição popular. Representa esta um labor dinâmico, como o próprio evoluir da massa humana — jamais um acidente passageiro, circunstancial. E ao penetrar na ficção artística, erudita, esse "saber vulgar" passa a autenticar a assimilação do bem comum, folclórico. Influência que pode ser intuitiva, inconsciente, ou um gesto interessado, consciente. Não importa. O que vale são os traços mais ou menos fortes deixados na criação de um autor.

Joaquim Maria Machado de Assis não fugiu à regra dos que procuraram documentar na ficção a vida de sua época. Embora considerado um dos nossos maiores puristas, a sua linguagem sentiu o influxo ambiental e popularesco da oralidade. Respigando os seus romances e contos, recolhemos expressões comuns à linguagem oralizante, palavras afro-brasileiras, gíriais, além de um razoável número de provérbios que enriquecem a roupagem antropológica de sua ficção. Tudo ao lado de um estilo castiço e inconfundível, como poucos souberam artesoar.

Em *Linguagem e Estilo de Machado de Assis*, diz-nos Aurélio Buarque de Holanda: "Não sou dos que lhe exageram o papel de renovador da língua, sobretudo no sentido de a ela haver imprimido um cunho brasileiro. Não irei ao extremo de, como se tem feito, afirmar, ou insinuar, que ele realizou mais do que Alencar em favor do abrasileiramento do português". Pois bem: analisando a afirmação do escritor alagoano, não encontramos nenhum reparo a fazer, sobretudo se nos apegarmos especificamente ao aspecto lingüístico. Neste ponto, José de Alencar reúne maior soma de abrasileiramentos que o autor de *Quincas Borba*. Não por causa da temática indianista tão bem explorada pelo prosador cearense. Mas por haver sido o primeiro grande escritor nacional a romper com os cânones da sintaxe lusitana, aceitando a ductilidade de falares do nosso povo. Mas se mergulharmos no cerne da ficção machadiana depararemos também com um abrasileiramento bastante acentuado — pois não podemos separar em compartimentos estanques forma e conteúdo. São estes dois componentes que argamassam, na realidade, o estilo e a linguagem de Machado de Assis. Se não mostrou interesse pelo fenômeno rural, indianista, encarou no entanto a sociedade urbana como um evento novo e nacionalizante. Daí o ensaísta alagoano esclarecer, linhas adiante: "Claro, isto não importa negar nacionalismo à obra machadiana. Ou, pelo menos, regionalismo".<sup>4</sup>

No adendo crítico, Aurélio Buarque de Holanda lembra um dado importante — o elemento antropológico e cultural enraizado na prosa ficcional do escritor fluminense. E foi essa marca, somada a um linguajar elegante e racional, que tornou Joaquim Maria Machado de Assis o maior ficcionista do Segundo Reinado. Numa interpretação sociológica ou antropológica de sua ficção não nos é *essencial* sabermos que "os brasileirismos léxicos são, praticamente, os únicos existentes nos livros de Machado de Assis". Ou, ainda, que "os sintáticos estão na boca de personagens". O que nos interessa, de fato, é a constatação dessa existência que o admirável trabalho de Aurélio Buarque de Holanda nos permite, além de um rastreamento sistemático que fizemos dos romances e contos do prosador fluminense. Ainda mais que não podemos, numa ficção, separar o diálogo dos personagens da linguagem central do narrador. Seria a mutilação, a negação da obra. Como material sócio-antropológico, os falares das pessoas têm a mesma importância que a urdidura do conto ou do romance.

Claro que boa parte das palavras ou expressões de sabor popular, ou "vulgar", como dizemos em antropologia cultural, nos veio da antiga metrópole, com o colonizador, e se impôs com o tempo e as modificações sincréticas. Mas essa origem não dá a menor autenticidade clássica, pois a grande maioria analfabeta ou semi-analfabeta lusitana ignorou lá e aqui o falar castiço, comunicando-se apenas através da linguagem oralizante e popular.

Coincidindo com palavras e expressões de "saber vulgar", tão bem ajustadas à linguagem clássica na sua ficção, encontramos em Machado de Assis um bom número de elementos paremiológicos — sejam refrãos, provérbios, adágios, anexins, ditados ou expressões proverbiais, todos eles significando o mesmo fato folclórico, por mais que procurem nuances diferenciais entre esses vocábulos. Não passam na verdade de ditos agudos e sentenciosos de uso comum ("vulgar"), conforme definem os estudiosos do folclore. "Ditos agudos" e sentenciosos que traduzem muito bem o espírito crítico, a sabença do povo em sua forma sintética, concisa, e que se amoldam ao *humour* excepcional do escritor fluminense.<sup>3</sup>

Ora, como bom observador, ele percebeu longe o tesouro contido nos refrãos e não os desprezou. Enriquecendo a gama antropológica e cultural de sua ficção, deu, ao mesmo tempo, maior ductilidade à sua prosa, tornando-a menos aristocrática, amenizando a dureza do classicismo ultraconservador. Processo que se encontra difundido na literatura ibérica do *Siglo de Oro*, quebrando a rigidez da censura do período medieval ou pós-medieval e fazendo surgir em forma literária o estilo picaresco, de fonte "vulgar". E essa revolução estilística de conteúdo e forma não passou despercebida à curiosidade literária de Machado de Assis, que, tudo nos leva a crer, encontrou em Cervantes o ponto máximo daquela recriação estética, embora cite Calderón de la Barca na sua ficção. Mas são as singulares figuras de Dom Quixote e Sancho Pança que melhor se enquadram na sua filosofia estética.

Como testemunho direto do autor de *Quincas Borba* pelo adagiário, basta citar a historieta "Quem Conta um Conto . . .", metade de um provérbio tão conhecido no Brasil e em Portugal — "quem conta um conto, acrescenta um ponto". Mas não é só isto. No texto de sua ficção encontramos-lo chamando a atenção para o adágio. Assim, em *Esaú e Jacó*, na página 299, após recordar-se de um refrão, escreve: "o provérbio está errado . . .", e, na 417, "há pessoas para quem o adágio diz . . .". Em *Dom Casmurro*, na página 398, escreve: "e daí que mestre Povo tirou aquele adágio". Nesta citação, o romancista demonstra a importância que dava ao tino crítico do povo. Como um folclorista de hoje, aquilata com veracidade o papel de zé-povinho na engrenagem de qualquer comunidade. E está claro que um escritor desligado do elemento social não faria semelhante afirmação.

Mas onde Machado de Assis chancela com mais vigor, e de maneira irrefutável, a admiração pelos provérbios, é em *Relíquias de Casa Velha*, no conto "Evolução": "Benedito recolheu com muito mais gosto os anexins políticos e fórmulas parlamentares. Tinha na cabeça um vasto arsenal deles. Nas conversas comigo repetia-os muita vez, à laia de experiência; achava neles grandes prestígio e valor inestimável". E, linhas adiante: "Creio até que, se tivesse de optar, optaria por essas formas curtas, tão cômodas, algumas linhas, outras sonoras, todas axiomáticas, que não forçam a reflexão, preenchem os vazios, e deixam a gente em paz com Deus e os homens".

Exemplos como os que acabamos de enunciar são encontrados em boa parte de sua ficção. Não aparecem por acaso. É um ato consciente, um aproveitamento estético de grande sabedoria. E a costura desse "saber vulgar" com a forma clássica bebida nos puristas portugueses amenizou o excesso de lusitanismo formal e abraçou a prosa machadiana.

Aliás, a coleta de provérbios não é coisa nova ou recente, na literatura. Nem o seu uso, quer na oralidade, quer na ficção de contistas e romancistas, ou mesmo de ensaístas. Tratando-se de pequena frase com espírito moralista, baseado na experiência secular, conseguiu sobreviver e influenciar pessoas letradas. O caso de Erasmo de Rotterdam é insinuante. Numa época em que se não falava ainda em folclore, o grande humanista da Renascença já se preocupava com a paremiologia. Reuniu no livro *Adágio* tudo quanto foi provérbio que pôde recolher nos velhos textos gregos e latinos.

Da mesma forma, não devemos afirmar com muita certeza a origem de qualquer adágio. É empreitada perigosa. O tempo e a região costumam dar nova vestimenta à idéia central. Desconfiando da ingratidão de alguém a que se favorece, há o provérbio escrito por Teócrito no *Idílio*: "Crias cães para que te devorem". Com o mesmo sentido, existe na América hispânica — "Cria cuervos y te sacarán los ojos". E, especialmente na Argentina, "Criaste el carancho/ y te roba la carne del gancho . . .". Nem mesmo a assinatura do poeta grego é suficiente para autenticar a fonte helênica, sabendo-se que os antigos também apreciavam os ditos anônimos de sabor sentencioso. Colhido na oralidade, pode ser de veio oriental, pois muita coisa da cultura oriental passou à civilização greco-latina, ou vice-versa. <sup>5</sup>

Recolhendo material paremiológico na ficção de Machado de Assis, conseguimos reunir algumas dezenas de adágios ou expressões proverbiais. Número razoável, levando-se em conta a ojeriza dos puristas a tudo que cheirava a "vulgus": "o que tiver de ser seu às suas mãos lhe há de vir" (DC, 225), "Quem tem boca vai a Roma" (DC, 305), "Longe dos olhos, longe do coração" (DC,

398), "o peixe morre pela boca" (BC, 250), "quem não tem cão, caça com gato" (BC, 143), "havia de mostrar de que pau era a canoa" (BC, 280), "há mouros na costa" (ML, 191), "Dá tempo ao tempo" (ML, 20), "perdia o tempo e o sacerdote" (IG, 118), "eram desculpas de mau pagador" (MA, 29), "não me deu azo nem tempo" (MA, 33), "Tire o cavalo da chuva" (HMN, 132), "a moça não disse uma nem duas" (HMN) 219, "o casamento e a mortalha no céu se talha" (HMN, 114), "para pau-de-cabeleira está grosso demais" (HMN, 132), "não há mas, nem meio mas" (CF2, 64), "Quem meu filho beija, minha boca adoça" (CF2, 47), "a ocasião faz o ladrão" (CF2, 97 EJ, 299), "quem vê a barba do vizinho arder põe a sua de molho" (CF2, 150), "amigos, amigos, negócios à parte" (CF2, 201), "não só de pão vive o homem" (CF2, 263), "tinha a pulga atrás da orelha" (CF2, 207), "Duro com duro não faz bom muro" (CF1, 178), "Dize como moras, dir-te-ei quem és" (CF1, 256), "duas metades de um cavalo não fazem um cavalo" (CF1, 178), "Quem espera sempre alcança" (RCV1, 221), "uma mão lava a outra" (RCV1, 288), "Deus escreve direito por linhas tortas" (QB, 7) "mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga" (QB, 34) "não é o hábito que faz o monge" (QB, 100), "a emenda era pior que o soneto" (QB, 161), "Paga o que deves, vê o que te fica" (QB, 272 e EJ, 97), "Quem nunca comeu azeite, quando come se lambuza" (QB, 275), "para quem tem de pagar na páscoa, a quaresma é curta" (DC, 262), "O que o berço dá só a cova tira" (EJ, 61), "Pitangueira não dá manga" (EJ, 280), "viram passarinho verde" (EJ, 297), "o melhor da festa é esperar por ela" (EJ, 293), "Quando um não quer, dois não brigam" (EJ, 417), "Preso por ter cão, preso por não ter cão" (PA, 89), "ladrão que furta ladrão tem cem anos de perdão" (PA, 81), "Mateus, primeiro os teus" (HSD, 39), "cair de costas e quebrar o nariz" (HSD, 45), "por ora tudo são flores" (HSD, 249), "Cresça e apareça" (PR, 40).

Ora, em todo este material, registrado na linguagem ficcional machadiana, identificamos aquilo que costumamos chamar de *vulgus in populo*. Ao invés de empobrecer a sua prosa, como pensam os lingüistas apegados demais ao lado formal, enriquece-a com exuberante contribuição antropológica e cultural. É a penetração popular no seu falar castiço, dando-lhe aquele tom de "nacionalismo" ou de "regionalismo" que Aurélio Buarque de Holanda levantou.

Deu-se com o purista Machado de Assis o que Renato Almeida ressalta em *Inteligência do Folclore*: nas grandes metrópoles, o elemento folclórico se mescla a cada momento na vida do conjunto". Interessado na análise do homem, isto é, na sua contribuição ecológica dentro da sociedade, não poderia o ficcionista menosprezar-lhe o espírito condutor, a começar pela linguagem, que Alfredo Poviña afirma ser "parte integrante de una investigación folklórica, que es su origen y antecedente primero".

Se analisarmos os provérbios coletados, notamos que a sua grande maioria ainda circula no falar do Brasil, constituindo traços da nossa maneira de ver, pensar e agir. É que as leis da funcionalidade e da aceitação continuam atuando nesse conjunto paremiológico, em sua forma simples e dinâmica. Alguns, seguindo o processo seletivo do folclore, mudaram de roupagem, embora conservassem o sentido original, o fundo sentencioso. É o caso de "Diga-me como moras, dirte-ei quem és", que é variante estilística de "Diga-me com quem andas que te direi quem és". Ou ainda uma forma mais plebéia — "quem com porcos come, farelos lambe".

Em *Dom Casmurro*, página 225, há o adágio "o que tiver de ser seu às suas mãos há de vir", que tomou forma menos sofisticada, porém de melhor sabor popular — "o que é do homem, o bicho não come". E, nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* encontramos o ditado "havia de mostrar de que pau era a canoa", que não passa também do desdobramento de "mostrar com quantos paus se faz uma canoa".

Toda essa gama antropológica e cultural, representada pela paremiologia, impregnou-se no estilo e na linguagem de Machado de Assis, dando-lhe, como já dissemos, sabor nacional e até por vezes popular. Prova de que o "vulgar", ou o "profano", como prefere Ismael Moya, também penetra nas camadas letradas. Tanto que Cervantes pôs na boca do Dom Quixote: "... todo aquél que no sabe, aunque sea señor y príncipe, puede y debe entrar en número de vulgo. . . ." <sup>5</sup> Não é o caso, evidentemente, de Machado de Assis. Ele adjudicou o "saber vulgar" ao seu estilo de maneira consciente, por melhor enriquecer o conteúdo popular, e para conseguir um registro mais verossimilhante da sociedade que documentou em sua ficção.

#### Abreviaturas da ficção machadiana:

- BC — *Memórias Póstumas de Brás Cubas*
- CF1 — *Contos Fluminenses*, 1o. v.
- CF2 — " " " " , 2o. v.
- CD — *Dom Casmurro*
- EJ — *Esaú e Jacó*
- HMN — *Histórias da Meia-Noite*
- HSD — *Histórias Sem Data*
- IG — *Iaiá Garcia*
- MA — *Memorial de Aires*
- PA — *Papéis Avulsos*
- PR — *Páginas Recolhidas*
- QB — *Quincas Borba*
- RCVA — *Relíquias de Casa Velha*, 1v.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALMEIDA, Renato. *Inteligência do Folclore*. Rio de Janeiro, Ed. Americana; Brasília, INL, s.d. 308 p.
- 2 CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de, *Don Quijote de la Mancha*. Madrid, Espasa-Calpe S.A., 1967, p. 480
- 3 CHEVALIER, Maxime. *Folklore & Literatura; el cuento oral en el Siglo de Oro*. Barcelona, Editorial Critica, 1978, p. 28, 62, 63
- 4 FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. "Linguagem e Estilo de Machado de Assis" *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, jul./ago., 1939.
- 5 MOYA, Ismael. *Didactica del folklore*. Buenos Aires, Edit. Shapire. 1956, p. 37
- 6 POVIÑA, Alfredo. *Sociologia del Folklore*. Cordoba, Imprenta de la Universidad, 1945, p. 52

